

A PROVA

Raymond A. Moody e Paul Perry

DA VIDA



Planeta

ALÉM

7 razões para acreditar
na vida após a morte

DA VIDA

TRECHO ANTECIPADO  Planeta. VENDA PROIBIDA.

A PROVA

Raymond A. Moody e Paul Perry

DA VIDA

ALÉM

7 razões para acreditar
na vida após a morte

DA VIDA

Tradução
Vinícius Rizzato

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Raymond A. Moody e Paul Perry, 2023
Publicado em acordo com a editora original, Atria Books,
uma Divisão da Simon & Schuster, Inc.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Vinícius Rizzato, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Proof of Life after Life: 7 Reasons to Believe there is an Afterlife*

Preparação: Diego Franco Gonçalves
Revisão: Andréa Bruno e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini
Capa: Elmo Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moody, Raymond A.
A prova da vida além da vida / Raymond A. Moody, Paul Perry ;
tradução de Vinícius Rizzato. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
240 p.

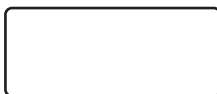
ISBN 978-85-422-3167-0
Título original: *Proof of Life after Life*

1. Experiências de quase-morte 2. Espiritualidade 3. Filosofia I. Título
II. Perry, Paul III. Rizzato, Vinícius

25-0096

CDD 133.901

Índice para catálogo sistemático:
1. Experiências de quase-morte



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Source Serif Pro e Bilo
e impresso pela Lis Gráfica para a
Editora Planeta do Brasil em janeiro de 2025.

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4o andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Experiências de morte compartilhada (EMC)

Só existem duas maneiras de viver a vida: uma é como se nada fosse um milagre. A outra é como se tudo fosse um milagre.

— Albert Einstein

Com a morte da minha mãe, eu soube como era ter uma EMC. Eu também soube que aquela experiência tinha sido real porque os mesmos eventos foram relatados por outras cinco pessoas presentes.

Eu me senti estranhamente elevado por essa experiência, como se naquele momento eu estivesse no caminho superior que eu sempre soube estar lá, mas ainda não tenha sido visto por mim mesmo. Lembrei-me do que um homem certa vez me disse quando estava contando sobre sua EQM: “Ninguém acredita nessas experiências até passar por uma”, ele disse. “Então a pessoa começa a acreditar e só sabe falar disso.”

E foi isso que aconteceu comigo. A sensação de ter compartilhado a morte da minha mãe foi prova suficiente de tudo o que eu tinha estudado e que presumia saber sobre as experiências de morte. Agora eu tinha presenciado um caso que continha uma prova concreta. Eu poderia muito bem ter deixado o campo dos estudos sobre a morte ali mesmo, satisfeito de ter testemunhado a prova de uma pessoa viva passando por uma EMC. O que mais tinha para pesquisar?

Na verdade, muita coisa.

Eu queria ouvir diretamente das pessoas mais histórias de EMC e, assim, comecei a perguntar sempre que surgia a oportunidade. O conteúdo das minhas aulas mudou. Eu apimentava minhas discussões em sala com perguntas sobre EMC. Para isso, eu incluía a história da morte da minha mãe seguida da minha definição de EMC: uma experiência de morte compartilhada pode conter os mesmos elementos que usamos para definir uma experiência de quase-morte. Mas a diferença é que a pessoa com quem a experiência ocorre não está prestes a morrer – nem doente ou machucada –; ela está na companhia de alguém que está morrendo. E, à medida que ela observa o processo de morte da outra pessoa, ambas dividem esse momento de maneira muito íntima, tanto que passei a dizer que se trata de experiências empáticas.

Eu então perguntava quantos deles haviam passado por uma experiência assim. Em média, uma a cada quinze pessoas levantava a mão. Depois que eu contava a história da minha mãe e eles compreendiam de maneira mais profunda de que se tratava aquela experiência, eu perguntava mais uma vez quantos deles haviam passado por aquilo. O número então era bastante diferente, com cerca de três a cada quinze pessoas levantando a mão. Isso me deixava perplexo, porque era quase o mesmo número de pessoas que levantava a mão quando eu perguntava se alguém havia passado por uma EQM.

A ideia de pesquisar um território inexplorado me animou. Assim como tinha acontecido com os meus primeiros estudos sobre EQM, não havia quase nenhuma pesquisa atual sobre EMC. No fundo, era um tema sem nome – às vezes debatido, mas pouco explorado. Parecia que os poucos pesquisadores que o mencionavam sabiam do tesouro que tinham em mãos. As EMC poderiam constituir prova concreta de que a alma se separava do corpo, prova de telepatia, evidência de uma memória compartilhada. Estava tudo ali, em uma única experiência.

Sendo também um estudante de filosofia, graças a essa nova área de estudo me vi de volta à Grécia antiga. Os filósofos gregos tinham muito interesse na vida após a morte. Sócrates afirmou que o estudo da vida

após a morte era o “cuidado da alma”,¹ portanto uma das coisas mais importantes que uma pessoa poderia fazer.

O estudo da vida após a morte é tão importante que Sócrates, supostamente, em seu leito de morte, disse a seu amigo Címmias:

[...] apesar de ser muito difícil nesta vida, se não impossível, conseguir ter convicção sobre essas questões, ao mesmo tempo é completamente débil não usar até o último pinga de energia para testar as teorias disponíveis, ou desistir antes de as termos examinado de todas as maneiras possíveis e esgotado todos os nossos recursos. É o nosso dever fazer uma dessas duas coisas. Seja para averiguar os fatos – através do conhecimento ou descobrindo por meios próprios –, ou, se isso for impossível, para determinar a melhor e mais confiável teoria que a inteligência humana pode oferecer.²

LIDERANÇA DE PLATÃO

Minha abordagem ao estudar as EMC foi a mesma adotada por Platão, que acreditava que a chave da pesquisa sobre vida após a morte estava em estudar as experiências individuais. Sem elas, ele considerava não restar muito para nos guiar no caminho.

Platão levava bem a sério a busca pela vida após a morte. Em *Fédon*, definindo a morte como a “separação da alma do corpo”, Sócrates se mostra contente por sua morte estar próxima – o que de fato aconteceu, já que ele tinha acabado de ser envenenado e estava em seu leito de morte enquanto falava.³

Por meio da observação, Platão chegou à conclusão de que o estudo das histórias era o único modo genuíno capaz de explorar a prova de vida após a morte. Foi através da análise persistente de estudos de caso que, perto do fim de sua vida, ele conseguiu resumir esta filosofia: “Ou a morte é um estado de inexistência e completa inconsciência, ou, como se diz, ocorre uma mudança e a migração da alma deste para outro mundo. [...] Pois bem, se a morte for dessa natureza, eu digo que morrer é ganhar, pois a eternidade é então uma única noite”.⁴

Concordo com a visão perspicaz de Platão, pelo menos em se tratando do valor dos estudos de caso. É através da análise de casos que eu também conduzo minhas pesquisas, porque, sem eles, não restaria muito para nos guiar no caminho.

Foi por meio da coleta e análise de estudos de caso de diferentes tipos de EMC que fui capaz de determinar diversas razões concretas que me fizeram acreditar na vida após a morte.

PARA ALÉM DA EQM

Muitas das pesquisas atuais sobre a vida após a morte parecem começar e terminar com a experiência de quase-morte. Talvez devessem começar com a EQM, mas não terminar com ela. Embora as EQM sejam experiências intensas que contêm todos os elementos que alguém poderia esperar de um episódio profundamente místico (que é como a morte é vista por muitos), a EQM é uma experiência subjetiva que acontece somente com uma pessoa e não pode ser vivenciada por mais ninguém, exceto pela pessoa que a teve.

A natureza subjetiva das EQM faz delas evidências circunstanciais e, portanto, elas não fornecem provas para além de qualquer dúvida razoável, justo o que procuramos.

Contudo, as EMC oferecem provas, para além de dúvidas razoáveis, de que a alma sobrevive à morte do corpo. Por definição, elas são experiências que uma ou mais pessoas compartilham na transição de uma pessoa que está morrendo.

Por exemplo, diversos indivíduos presentes no leito de morte de alguém podem relatar terem testemunhado uma aparição visitando o moribundo. Talvez eles não saibam quem é a aparição, mas depois descobrem, olhando fotos antigas da família, que se tratava de um parente falecido havia muito tempo. Outras pessoas podem relatar uma “névoa” deixando o corpo do ente querido, como a escritora Louisa May Alcott, que registrou a morte de sua irmã Elizabeth em seu diário particular. Assim ela descreveu o evento:

Uma coisa curiosa aconteceu e eu vou contá-la aqui, já que o doutor G. [dr. Christian Geist, de Boston] disse que era real. Momentos após o último suspiro, enquanto nossa mãe e eu observávamos em silêncio a sombra recair sobre seu rostinho delicado, eu vi uma névoa sutil surgir do corpo e flutuar pelos ares até desaparecer. Os olhos da minha mãe acompanharam os meus e, quando perguntei “o que você viu?”, ela descreveu a mesma névoa sutil. O doutor G. disse que era a vida deixando o corpo de forma visível.⁵

Outras versões de EMC incluem as experiências precognitivas, também por vezes chamadas de aparições críticas, que é quando uma pessoa saudável presencia de maneira inesperada a aparição de um ente querido que está morrendo, quase sempre muito longe dali. Tal evento pode acontecer na forma de um sonho ou de uma experiência hiper-real, que é quando o falecido parece estar presente no mesmo recinto.

TIPOS DE EXPERIÊNCIA DE MORTE COMPARTILHADA

Em grande parte, este livro trata dos diferentes tipos de EMC, incluindo descrições dessas experiências em paralelo com estudos de caso que oferecem provas vivas de que a consciência sobrevive à morte do corpo. Refiro-me mais especificamente às sete experiências descritas neste livro; juntas, elas constituem um argumento bastante forte a favor da vida após a morte – que contém todos ou alguns dos elementos a seguir:

- Separação entre mente e corpo
- Volta de uma morte aparente
- Comunicação psíquica
- Aumento substancial de conhecimento como resultado de estar quase-morto

O mais importante de tudo é que haja uma testemunha confiável para cada um desses elementos, pois é assim que podemos ter certeza

de que eles são reais e comprováveis. O objetivo é apresentar evidência concreta o suficiente capaz de ser defendida em um tribunal. Quer dizer, isso se um tribunal lidasse com questões ligadas à vida após a morte.

A seguir estão elencados os sete tipos de EMC que, de acordo com as minhas estimativas, constituem prova suficiente de que existe vida após a morte. São os sete motivos para se acreditar em uma vida após a vida. Sem dúvida há muitos outros, dependendo daquilo em que você acredita. Dito isso, aqueles nos quais eu me foquei são os que eu acredito que forneçam as provas mais sólidas.

Motivo 1: Experiências extracorpóreas

Muitas pessoas que tiveram experiências de quase-morte relatam terem passado por experiências extracorpóreas (EE), nas quais observavam o próprio corpo e outros eventos ao seu redor enquanto permaneciam na fronteira entre a vida e a morte. Muitas dessas EE envolvem pairar sobre o próprio corpo e testemunhar os acontecimentos ao seu redor, como médicos e enfermeiros trabalhando sem parar para reanimar um coração, para estancar um grave sangramento ou tratar qualquer outra situação possivelmente fatal. E, quando esses indivíduos retornam ao estado consciente, contam com extraordinária riqueza de detalhes o que viram e ouviram enquanto os médicos e enfermeiros lutavam para salvá-los.

As EE são magníficas e impressionantes, sobretudo se a pessoa que passa pela experiência de quase-morte é capaz de narrar eventos dos quais ela não deveria ter conhecimento, já que estava inconsciente. Se ela narra esses eventos de um modo condizente com quem os possa confirmar, então essa narração objetiva vale ouro para as pesquisas sobre consciência.

Aqui está um caso emocionante de EE contado por uma mulher que quase se afogou em um acidente de barco. Este caso se encontra nos arquivos da Near-Death Experience Research Foundation (NDERF) [Fundação para Pesquisa de Experiências de Quase-Morte], dirigida pelo médico Jeffrey Long e sua esposa, Jody. O instituto coletou e estudou relatos de pessoas de todo o mundo sobre experiências de quase-morte.

Quando notei, estava mais ou menos a trinta metros acima do rio e olhava para baixo, em direção ao bote preso nas pedras bem embaixo de mim. Vi emergirem os dois homens que estavam no bote e procuravam por mim. Vi a outra mulher que estava em nosso bote rio abaixo, agarrada a uma pedra. Eu observei meu marido e minha irmã mais nova – que já tinham descido a correnteza à nossa frente sem problemas – correndo de volta pela colina para se darem conta daqueles detritos flutuando rio abaixo. Havíamos tirado tudo do bote deles e colocado no nosso caso eles virassem, mas a descida deles foi tão tranquila que nós entramos e os seguimos.

De cima, vi meu marido subir em uma pedra no rio. Por causa do barulho da correnteza, ele não conseguia ouvir o que os dois homens que ainda estavam no bote gritavam para ele. Ele não tinha ideia de onde eu estava ou o que tinha acontecido, mas sabia que eu tinha desaparecido. Parecia que queria pular na água e ir me procurar, e foi então que me vi ao seu lado tentando impedi-lo – porque ele não nadava muito bem e eu sabia que não iria adiantar nada. Quando estiquei o braço para pará-lo, minha mão passou direto por ele. Eu olhei e pensei: “Meu Deus, estou morta”.⁶

Muitos pesquisadores acreditam que experiências extracorpóreas no momento da morte são provas de que a alma pode deixar o corpo. Alguns ousaram dizer que as EE provavam a existência de um ser supremo. Isso pode ou não ser verdade, mas o que pode ser dito com certeza é que, na atualidade, as EE são episódios que vão além da capacidade intelectual e das habilidades científicas de um pesquisador. Mesmo assim, muitos deles estão tentando estudá-las. Você lerá mais sobre isso no capítulo 2.

Motivo 2: Experiências precognitivas

Experiências precognitivas, também conhecidas como aparições críticas, são eventos que ocorrem quando uma pessoa saudável presencia a aparição de um ente querido que está passando por um problema crítico ou morrendo. Esse encontro visionário geralmente parece ser

muito real, como se a pessoa em situação crítica estivesse de fato no mesmo recinto que a outra. Também pode acontecer como uma alucinação auditiva, que é quando a pessoa que está falecendo conversa com o observador.

Aqui está o caso envolvendo uma mulher, que nesta versão chamarei de Betsy, e seu marido, Bob. Ele tinha sido diagnosticado com demência precoce anos atrás e não estava muito bem quando esta EMC aconteceu.

Por mais estranho que possa parecer, este caso não teve nada a ver com Bob, mas sim com sua mãe, que estava falecendo em um hospital local. Betsy era bastante próxima de sua sogra, por isso ela passava seus dias cuidando de ambos os seus entes queridos. Não é preciso dizer que, à época, ela vivia sob uma nuvem de estresse mental extremo.

Quando sua sogra estava de fato morrendo, Betsy contratou uma enfermeira para cuidar de seu marido enquanto ela passava a maior parte do tempo no hospital com a mulher. Certa noite, Betsy se viu em um túnel que tinha surgido de súbito no quarto do hospital. No final dele, havia uma versão muito mais nova de sua sogra, aparentemente acenando para Betsy e dizendo com uma voz clara e forte:

— Venha, é muito bom aqui.

Betsy recusou o convite, acenando com os braços e dizendo que ela precisava ficar para cuidar do marido doente.

Então, Betsy percebeu que a sogra não acenava para ela, mas sim para Bob, que também estava no túnel, atrás de Betsy.

Bob também aparentava estar jovem e saudável – e estava visivelmente feliz enquanto olhava para essa versão mais saudável da mãe.

Logo em seguida, o túnel se fechou e sua sogra faleceu. Betsy então se viu sozinha no quarto, perguntando-se o que tinha acabado de acontecer.

Em menos de um mês Bob pegou uma infecção respiratória e também morreu.

Para Betsy, ambos os eventos foram intrigantes e reconfortantes ao mesmo tempo. Ela interpretou que sua sogra sabia que a vida de Bob se aproximava do fim e então dava boas-vindas para ele, para sua “nova vida”. Ela me disse:

— Era como se ela estivesse em uma piscina e gritasse para o filho: “venha, a água está boa”. Eu sinto muita falta dos dois, muita mesmo, mas ao mesmo tempo foi uma experiência maravilhosa e intensa.⁷

Experiências precognitivas são extraordinárias e variam bastante. São também suntuosas, o que as torna fascinantes. Tanto que o falecido Erlendur Haraldsson, um renomado pesquisador de aparições da Islândia e que você conhecerá melhor no capítulo 3, as chamou de “a prova mais convincente de vida após a morte”.⁸

Motivo 3: A luz transformadora

Passar por uma experiência de morte muda uma pessoa de maneira positiva e visível? Para testar essa pergunta, um time de pesquisadores foi formado em Seattle com o objetivo de responder a uma única questão: existem efeitos transformadores desencadeados por experiências de morte que podem ser documentados e observados?

Após um complexo estudo envolvendo mais de quatrocentas pessoas que passaram por EQM, os resultados mostraram uma grande variedade de mudanças – concretas e significativas – na personalidade dos participantes testados, incluindo diminuição da ansiedade em relação à morte e um maior gosto pela vida em comparação com aqueles que não passaram por uma EQM. Aumentos nos níveis de inteligência e nas habilidades psíquicas também foram notados.⁹

Para evitar soar muito otimista, é justo dizer que nem todas as mudanças são positivas, mesmo quando parece ser esse o caso ao analisar os dados recolhidos pelos pesquisadores. Algumas pessoas mudam tanto depois de passar por uma EQM que afirmam não serem mais as mesmas. É difícil de acreditar, mas um cônjuge que costumava ser exigente e de pavio curto pode se transformar, após uma EQM, em uma pessoa gentil e tolerante, o que talvez seja uma mudança maior do que um casamento possa suportar. Também pode ser demais para uma carreira, se o profissional conhecido por ser de um jeito de repente muda na direção oposta.

Uma história ouvida pelo meu colega pesquisador Melvin Morse é um ótimo exemplo do que eu estou falando. Um advogado, a quem chamarei

de David, foi até o dr. Morse com um problema perturbador. Depois de um dia cheio no tribunal, o homem sofreu um infarto em seu escritório que quase o matou. Ele foi levado às pressas para o hospital, onde *stents* foram inseridos em suas artérias coronárias, salvando assim sua vida. Após receber alta, dias depois, ele voltou para o trabalho com um coração mais saudável e um modo de enxergar a vida também mais saudável.

Esse novo modo de ver a vida não funcionou muito bem para a sua carreira. Ele era conhecido no trabalho como “a marreta” por causa de sua capacidade de pulverizar as pessoas nos depoimentos, mesmo se elas não merecessem. Isso foi antes de sua EQM. Pós-EQM, ele virou um amorzinho e passou a se recusar a fazer as pessoas chorarem.

Depois de perder seu talento nato para o conflito, David deixou de ser necessário para o escritório e foi demitido.

— Eu simplesmente não tinha mais aquilo dentro de mim — disse. — Por um tempo fiquei preocupado, mas depois percebi que tinha sido melhor assim. O infarto me fez perceber que o meu antigo eu não duraria muito mais, e vi isso como uma bênção.¹⁰

David foi para um escritório menor, onde passou a trabalhar com direito de família. Passava oito horas por dia no escritório, em vez das doze horas de antes.

Para muitos na situação de David, essa mudança pode ser tão extrema quanto aquelas vistas num livro de ficção, por isso às vezes eu chamo essa transformação de Síndrome de Scrooge, por causa do antes e depois pelo qual passa o personagem Ebenezer Scrooge de *Um conto de Natal*, romance clássico de Charles Dickens.

Motivo 4: Lucidez terminal

A lucidez terminal (LT) é definida como um lapso de lucidez e energia que ocorre pouco antes da morte. Ela ocorre, algumas vezes, na ausência completa de atividade cerebral detectável. Em outras palavras, pessoas que sofreram morte cerebral podem voltar de repente de uma morte aparente, chocando entes queridos e funcionários do hospital, tal qual Lázaro, embora esse episódio seja rápido. Pacientes com morte cerebral retornam por um período curto de tempo de maneira triunfante e con-

versam de forma clara sobre coisas específicas (assuntos familiares, por exemplo), apesar de o eletroencefalograma mostrar que o cérebro em si não está funcionando. É como se o cérebro fosse ignorado por uma consciência que não requer massa cinzenta para funcionar.

O que isso significa? Quer dizer que a massa cinzenta do cérebro não é necessária para a produção de consciência? Que cérebro e mente de fato funcionam de maneira independente e que a LT é um modo observável de testemunhar a separação do cérebro e da mente? E se for esse o caso, significa então que a consciência sobrevive à morte do corpo?

Até mesmo o grande psicólogo Carl Jung viu a ironia da consciência existir sem cérebro quando disse: “A perda total da consciência pode ser acompanhada por percepções do mundo exterior e experiências de sonho lúcido. Uma vez que o córtex cerebral, no qual reside a consciência, não funciona durante esses momentos, ainda não existe uma explicação para esses fenômenos”.¹¹

Na minha opinião, casos de LT fornecem clara evidência de que ocorre um dualismo e de que existe algum tipo de separação entre a mente e o corpo, indicando que a consciência não requer um cérebro físico para funcionar. Aliás, alguns casos de LT mostram que o próprio cérebro pode atrapalhar o funcionamento da mente.

A lucidez terminal é, sem dúvidas, uma experiência de morte compartilhada, pelo simples fato de ser testemunhada por uma ou mais pessoas logo após a morte do corpo, e por vezes após o sistema cognitivo e as funções cerebrais terem deixado de funcionar. Isso indica que um retorno à vida é bastante improvável, para não dizer impossível. Um pesquisador de LT disse uma vez: “EQM e lucidez terminal são opostos. A EQM é sobre partir, e a LT é sobre voltar”.¹² O que parece estar “voltando” à vida é, na verdade, a alma da pessoa.

Motivo 5: Musas, curas e habilidades espontâneas

Muitos que vivenciam experiências de quase-morte relatam terem visitado saguões de conhecimento onde eram expostos ao que parece ser – ou mesmo, como dizem alguns, submetidos ao *download* –, para eles, toda a informação do mundo.

Uma pequena parte desses indivíduos retorna com novos talentos – uma melhora em suas habilidades e no intelecto – como resultado desse encontro poderoso e transformador. Outros são curados, física ou mentalmente, graças a essa exposição. Muitos voltam com anjos da guarda, que permanecem com eles para o resto da vida como consultores espirituais.

Alguns passam por mudanças dramáticas. Chegam a trocar de profissão ou ficam obcecados por temas ligados à espiritualidade, enquanto outros se tornam artistas talentosos, como pintores, escritores, atores e assim por diante. Mas a experiência também pode afetar outros aspectos da personalidade. Pessoas próximas notam essas mudanças, e elas são tão evidentes que todos percebem uma diferença significativa. O simples ato de testemunhar essas mudanças faz do observador uma testemunha da experiência compartilhada.

Como pode uma coisa assim acontecer, sobretudo quase que de uma hora para outra? O capítulo 6 apresentará dois médicos e alguns outros indivíduos cujas vidas mudaram para melhor depois que eles quase morreram.

Motivo 6: Luz, névoa e música

Ao longo da história, também foram relatados fenômenos de luz e névoa surgindo próximo à pessoa que está morrendo. Tais fenômenos seguiram sendo relatados século após século até chegarmos aos dias atuais. Apesar de nunca os ter visto pessoalmente, já ouvi testemunhos emocionantes de pessoas que os presenciaram.

Um dia, no hospital onde eu trabalhava em Macon, Geórgia, participei de uma conversa entre um instrumentador cirúrgico e um estagiário justamente sobre esse tema. O estagiário tinha ouvido rumores de que uma enfermeira do turno da noite tinha visto uma paciente brilhar bem de leve enquanto morria. A enfermeira, abalada por esse acontecimento incomum, relatou o caso para a chefe de enfermagem, que contou para outra enfermeira, e assim por diante. A história por fim chegara até o estagiário, que ficou fascinado como algo tão surpreendente não estava documentado nos livros de medicina.

O instrumentador respondeu que fazia parte do corpo médico havia anos e já tinha escutado algumas histórias parecidas. Isso não o impressionava mais, mas desejava ver o fenômeno com os próprios olhos.

Interessei-me pela conversa e comecei a fazer perguntas. Mas, antes que o instrumentador pudesse responder, uma enfermeira que tinha acabado de entrar na sala interrompeu e deu sua opinião:

— Aquilo não passa de ilusão de ótica — declarou, colocando um fim na conversa.

Anos mais tarde, ouvi uma opinião diferente vinda de um oncologista em Charlotte, na Carolina do Norte. Ele tratava de um paciente com câncer em estágio terminal quando ouviu o monitor cardíaco começar a apitar e a tela exibir uma linha reta, indicando a ausência de batimentos cardíacos. Quando foi checar os eletrodos para ter certeza de que ainda estavam conectados, o paciente brilhou. O doutor me disse ter ficado surpreso com o que testemunhou, e nos meses seguintes refletiu muito sobre o ocorrido.

— Eu não sei o que foi aquilo, mas tenho certeza de que aconteceu — contou. — Só que, para ser honesto, não tenho motivos para acreditar que o que eu vi fosse sua alma. Tudo o que eu posso afirmar com certeza é que havia uma luz.

Luzes misteriosas vistas nos quartos de pacientes moribundos podem ter múltiplas origens. Podem ser independentes do corpo da pessoa que está morrendo ou se originar no corpo em si. Alguns dizem ter visto um halo ou uma luz brilhante em volta da cabeça do moribundo, ou mesmo uma névoa ou contornos deixando o corpo. Em certos casos, esses contornos tinham um formato humano.

Além do mais, às vezes pessoas relatam terem ouvido uma música inexplicavelmente bonita durante a experiência de quase-morte. Só que, de novo, isso é algo que só elas ouviram, fazendo, portanto, que o evento seja muito subjetivo. Com a EMC, a situação já é outra, já que a música às vezes é ouvida por várias pessoas, quando não por todas, ao lado do leito de morte. Casos assim são surpreendentes porque, de maneira mais convincente, mostram não ser possível atribuir o que acontece apenas ao cérebro moribundo do paciente.

Um dos casos mais famosos aconteceu no século XVII, no leito de morte do escritor alemão Wolfgang von Goethe, quando cinco pessoas ouviram, de maneira inexplicável, uma música etérea ressoar pela casa sem conseguirem identificar de onde vinha.¹³ Em outro caso espantoso, uma pessoa surda e não vocalizada indicou que havia escutado música, assim como as outras pessoas ao lado de seu leito de morte, numa recuperação dos sentidos semelhante à visão cega, que se dá quando pessoas cegas afirmam terem enxergado durante a EQM.¹⁴

Luz, névoa e música são fenômenos paranormais muitas vezes presenciados por aqueles na companhia dos moribundos. São temas discutidos em conferências, mas é raro receberem atenção dos pesquisadores no campo dos estudos da morte. Eles são importantes, pois mostram que parte da essência da pessoa que está morrendo não só sobreviveu como também se manifestou para os outros.

Motivo 7: O psicomanteum

De maneira independente e por todo o mundo, em tempos antigos e modernos, de forma intencional ou acidental, as pessoas descobriram que, ao observar uma profundidade clara, podiam abrir as portas para um mundo visionário e ver novamente entes queridos que já partiram.

Como psiquiatra, o que mais me intrigou foram as possibilidades terapêuticas que isso poderia implicar. Se um encontro com o falecido fosse capaz de atenuar a dor do luto, então um encontro com o falecido era o que eu queria oferecer. E se isso significasse ter que voltar ao passado para encontrar meios para fazê-lo, eu estava disposto a isso.

Estudei todos os métodos que pude encontrar, em especial aqueles dos antigos gregos, que criaram uma câmara chamada psicomanteum, capaz de reestabelecer uma ligação com os mortos de maneira bastante efetiva. Cheguei ao ponto de construir um psicomanteum na minha casa em Creekside, Alabama. Quando o disponibilizei para clientes, descobri algo muito bizarro: uma grande porcentagem dos que realizavam o processo de observação se reencontrava com os entes queridos já falecidos. Alguns desses reencontros eram tão vívidos que os participantes insistiam que o ente querido tinha voltado à vida em carne e osso.

Aqui está um exemplo de um contador público de Nova York. Ele teve uma conversa íntima com sua falecida mãe e declarou:

Não há dúvidas de que a pessoa que eu vi no espelho era minha mãe! Contudo, ela estava mais feliz e saudável do que no finalzinho de sua vida. Seus lábios não se moveram, mas ela falou comigo e eu ouvi com bastante clareza o que ela tinha a dizer. Ela disse “eu estou bem”, e sorriu com alegria. Eu me mantive o mais tranquilo que pude. [...] Minhas mãos tremiam e sentia meu coração bater mais rápido. [...] Eu disse “é muito bom te ver de novo”, e ela respondeu “concordo”. [...] Senti ela se aproximar e me tocar, como se quisesse que eu tivesse certeza de que ela estava bem nesse novo lugar. E foi isso. Ela simplesmente desapareceu. Pelo que pude ver e ouvir, eu sei que ela não está mais sofrendo como nos seus últimos dias aqui na Terra. [...] Isso, por si só, já faz com que eu fique bem mais tranquilo.¹⁵

Todas as semanas surgiam histórias de encontros reais vindas do psicomanteum. Alguns clientes relataram terem tido longas conversas, enquanto outros disseram que seus entes queridos saíram do espelho (que é o que eu usava como intermediário para a observação) e se sentaram com eles. Outras vezes o ente querido não aparecia no psicomanteum, mas depois, quando o cliente voltava para seu quarto de hotel. O filho de uma mulher apareceu no quarto de hotel onde ela estava hospedada e segurou sua mão durante a longa conversa que tiveram. Depois ele a abraçou com muito carinho e, como ela conta, simplesmente foi embora. A comediante Joan Rivers veio ao psicomanteum e saiu em lágrimas após ter uma conversa franca com seu falecido marido, Edgar, que tinha cometido suicídio. Ela descreveu a experiência em meio a muitas e sinceras lágrimas, mas não me contou o que Edgar dissera exatamente, apenas que agora ela entendia a dor que o levara a se matar.¹⁶ A apresentadora Oprah Winfrey, por outro lado, ficou chocada e confusa quando uma coronel aposentada da força aérea, que havia se voluntariado a ir até o psicomanteum, contou para a plateia que sua mãe tinha saído do espelho e sentado tão perto dela que ela conseguia sentir sua presença.¹⁷

Alguns amigos me encorajaram a colocar uma câmera escondida dentro do psicomanteum, mas obviamente meu juramento de confidencialidade na relação entre médico e paciente sempre me impediu de cometer tal violação. Como resultado, todas as afirmações de encontros que ocorreram com o ente querido falecido “real” ficaram no âmbito do encontro subjetivo para mim – posso apenas ouvir sobre isso, mas não testemunhar.

Tudo isso mudou quando uma mulher, que tinha vindo ver sua falecida filha, tirou uma foto de três orbes que apareceram para ela em plena luz do dia e continham a essência de sua filha. Foi a partir dali que eu passei a ver o psicomanteum de uma maneira completamente diferente, mostrando para mim uma prova de sobrevivência da alma.

UMA VISÃO DA ALMA EM AÇÃO

As experiências de morte compartilhada deixam claro que a consciência não é apenas uma reação química que ocorre no cérebro, separada do espiritual. Elas são prova de que experiências de quase-morte são mais do que apenas carência de oxigênio no cérebro. As pessoas que veem de perto alguém que está morrendo ou que escapou da morte por um triz podem passar pelas mesmas experiências transcendentais que elas. Esse novo desdobramento – extensivos estudos sobre experiências de morte compartilhada – nos coloca nos limites da vida após a morte.